

VIMARANENSE

Semanário político, literário e noticioso, órgão do Partido Evolucionista

Director, proprietário e editor — Custódio dos Santos Lima Guimarães

PREÇO DA ASSINATURA

Ano, semestral	1\$20
Semestre, idem	600
Ano, com estampilha	1\$50
Semestre, idem	750
África e Brasil, por ano (moeda forte)	2\$25
Número avulso	50

Redacção, Administração, composição e impressão
Rua Elias Garcia, 10 (antiga rua de Santa Maria)

PUBLICA-SE AS QUINTAS-FEIRAS

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES

Anuncios e comunicados, por linha	50
Repatrição dos mesmos	50
Anuncios permanentes, contracto especial	
As obras literarias, annunciam-se gratis, recebendo-se na redacção um exemplar.	
Os autografos, sejam ou não publicados, não se restituem.	

ESPIRITO REPUBLICANO

Em todas as crises, que a República tem atravessado, nota-se que ha uma coisa indestrutivel que se afirma sempre e através de tudo: é o espirito republicano. Em Portugal, especialmente nas principais cidades, isto é na parte pensante do País, ha desde longa data o que se pode chamar o espirito republicano que não se manifesta só nas horas tranquilas da República mas que se afirma sobretudo quando a República passa alguma crise, quando paira sobre ella qualquer perigo.

Foi o rei D. Carlos quem disse que Portugal era uma Monarquia sem monárquicos. Felizmente ninguém com verdade pode aplicar á República essa frase histórica e profundamente verdadeira do último rei português.

A República não é uma República sem republicanos; e, por mais tresloucados que alguns sejam, por mais erros que muitos tenham cometido, os republicanos sabem sempre pôr acima de tudo o regime e irmanar-se quando elle perige, quando os monárquicos agucem para elle os dentes na suposição ingenua de que não terão que lutar, por estarem na presença dum moribundo.

Mais duma vez na República e em horas memoráveis esse espirito republicano afirmou-se de uma maneira notável. Tem-se visto que as fanfarronadas monárquicas cessam sempre que o grito de alerta sôa nas fileiras republicanas. No 14 de Maio os monárquicos, que das antes se julgavam em terra conquistada por não comprehendem a tolerancia com que (aliás inspirado pelos mais puros e pelos mais nobres principios republicanos) os tratava o governo da República, sumiram-se, dir-se-ia, por um alcapão mágico e os republicanos puderam liquidar um conflicto que foi muito lamentável e fez correr muito sangue, mas a República não se perdeu.

Onde se encontrariam nessa altura os monárquicos fanfarrões que dias antes, abusando da benevolencia do governo, insultavam a República e os republicanos e gritavam que o País estava com elles?

Onde se teriam escondido num momento que se prestava maravilhosamente para provar que tinham força, que valiam alguma coisa dentro do País?

Não se sabe. Nunca ninguém o soube. O que é facto é que não appareceram e que estiveram de garras encolhidas á espera doutra ocasião asada para blasonarem de fortes. Assim essa revolução de

14 de Maio (seja qual for o ponto de vista em que nós, os republicanos, nos coloquemos para a apreciar) teve um significado que não podia deixar de ser favorável para o regime. Ela mostrou bem que, por maiores que fossem as retaliações e os ódios entre republicanos, por mais dividida que se encontrasse a familia republicana, — vivo, forte, sempre moço, inalterável era o espirito republicano que através de tudo triuntava.

E' ainda o espirito republicano que nesta hora de angustia se está manifestando ante a attitude revoltante dos monárquicos que se dão ares de governar a República e que pretendem conceder-nos, a nós republicanos, a situação de tolerados dentro do regime.

Novamente os monárquicos interpretam mal a benevolencia com que o governo os trata. Novamente falam de alto. Caluniam. Insultam. Provocam. O País está com elles. Eles é que tem a força e, se não fazem a Monarquia imediatamente é porque nem nos ligam importancia para isso. Contentam-se em que isto seja um equívoco, uma ficção, uma mentira.

Eles no fundo não reconhecem virtudes nestes ou naqueles republicanos. O que pretendem é estrangular a República dum golpe traiçoeiro.

Não são capazes de combatê-la lealmente, a peito descoberto, mas, sempre que a República atravessa uma crise, elles, julgando-a moribunda, preparam-se para cair sobre ella como corvos,

Ah! mas o espirito republicano está alerta. Pressente-os. Segue-lhes os movimentos. Não os perde de vista.

As contendas republicanas hão de liquidar-se entre republicanos sem interferencia dos monárquicos.

E por mais vivas, por maiores que sejam, ellas nunca sufocarão o espirito republicano que vibra, que arde, que lateja dentro de nós.

O espirito republicano — saibam-no os monárquicos — está alerta. Aonde? Em toda a parte onde está um republicano, grande ou pequeno, do governo ou da opposição.

Ainda ha pouco com satisfação o verificámos nas últimas palavras duma entrevista que o sr. ministro da Marinha, que é um velho republicano, concedeu a um jornal sobre um incidente da Armada.

Foi quando o sr. Aresta Branco confessou ao jornalista que comprehendera nesse incidente o jogo dos monárquicos que odeiam a marinha por ella ser republicana, acrescentando, porém, duma ma-

neira categórica que não estava disposto a fazer esse jogo nem a servir os intuitos dos inimigos do regime.

São bem dum velho republicano tais palavras. E, por maiores que sejam as distancias que dentro do regime nos separam do sr. ministro da Marinha, não deixaremos de notar que ellas o honram. Foi bem o espirito republicano que falou. E' sempre assim o espirito republicano.

Para que os monárquicos saibam que o seu jogo não passa despercebido. . .

Aniversários registáveis

Fazem anos, desde 15 a 22 do corrente:

As ex.^{as} sr.^{as}:

Dia 19 — D. Maria Gomes dos Santos Portela.

» » — D. Ana Leite Corrêa de Almada (Viamonte da Silveira).

» 20 — D. Maria Arminda da Costa Galdas.

E os sr.s:

Dia 17 — Jerónimo Ribeiro da Costa Sampaio.

» 19 — João C. da Mota Prêgo.

» 21 — Henrique José Braamcamp Cardoso de Menezes (Margaride.)

O ouriço filósofo

Um dia vários amigos do ouriço foram de visita a um, que vivia retirado na sua toca e entabolaram com elle a seguinte conversa:

— Para que te servem esses espinhos que te revestem o lombo?

— Para me protegerem e me defenderem contra uma porção de inimigos, cujo desejo é darem cabo de mim.

— Forte engano! Essas pontas aguçadas, para se conservarem fortes e solidas, absorvem todo o beneficio da tua nutrição e evitam que os vizinhos, com medo de se ferirem nelas mantenham contigo relações amigáveis e te abracem, como seria seu desejo; fazem de ti um objecto de desconfiança e até de terror para os outros animais. Acredita o que te dizemos. Livra-te desse armamento incómodo, dispendioso e nocivo para a tua saúde e torna-te um companheiro gordo e inofensivo.

O bom ouriço deixou-se enternecer e consentiu que es seus amigos lhe arrancassem os espinhos.

Sabem o que aconteceu? Aconteceu vir uma fuhna que o comeu tranquilamente.

Quando lêmos isto, lembramos da actual situação e dos monárquicos.

RESTABELECENDO A VERDADE

(As minhas primeiras palavras sobre Rovuma e Newala)

(CONTINUAÇÃO)

A campanha monárquica

Devo confessar com sinceridade que é repugnante o espectáculo que nos últimos tempos tem dado a imprensa monárquica, falseando a verdade mais evidente, que consta dos arquivos e dos relatos das testemunhas mais idóneas, só com o fim de demolir a minha modesta personalidade. Comparável á furia despejada e torpissima da imprensa monárquica, só o pode ser a indiferença com que os jornais de grande circulação assistiram ao rolar confuso de uma onda de imprecações caluniosas, que no final só tiveram um resultado: diminuir junto do criterio universal o valor dos nossos altos serviços em Africa e desmerecer nos brios altivos do nosso valente exército.

Se eu merecia a essa gente dos jornais monárquicos ódios tão virulentos, que me difamassem como quizessem, ás cegas e ás doidas, com a mesma lingua cobarde que que tantas vezes se entaramelou de medo quando o pulso democrático dava as leis em Portugal.

Mas terem o cinismo de, para chegar á minha face, com o fim de a conspurcar, fazerem degrau dos heroicos e inenarráveis sacrificios do nosso exército, é francamente mais do que passar as raias da indecencia, porque é entrar já no dominio das inultrapassáveis infâmias.

A expedição á Africa foi constituída como os técnicos indicaram e o próprio sr. general Gil aceitou. E', posso affirmá-lo, uma das expedições melhor organizadas que tem saído para as nossas colónias. Se nem tudo chegou tanto a tempo como todos queriamos, a culpa não foi de ninguém, mas dos próprios acontecimentos, que dificultaram a aquisição de automoveis e envio deles e de outros utensilios de campanha, com uma navegação morosa, arriscada e incerta. No entretanto, quem lê o relatório do sr. general Gil reconhecerá que tudo lá chegou ainda a tempo de ser útil. Se nem sempre lá houve critério na distribuição dos serviços, a culpa não foi do ministro das colónias que cá, longe, não podia dirigir esses múltiplos trabalhos sobre o campo. Pois se até me consta que houve por lá fome, apesar de lá se encontrarem toneladas de mantimentos! . . . Houve faltas? Onde as não ha? Qual é o exército que entra numa campanha árdua e difficil que não tenha á lamentar a falta de qualquer coisa?

Aqui o grande mal foi o clima insólito que não perdoa e que, uns após outros, fazia cair de doença officiaes, soldados, chauffeurs. Mas isso acontece a todos os exércitos que combatem em Africa.

Que o digam o sr. Alves Roca-das e a memoria do general Pereira de Eça, que com tanta falta,

a principiar pela falta de água para beber, lutaram nos rudes combates em que experimentaram o valor dos seus indomáveis soldados. Quando, todavia, se apreciar a fundo a maneira como foi constituída a coluna do sr. general Gil, se verá que ella foi das melhores dotadas e servidas em tudo.

Não increpo o sr. general Gil. A sua acção há-de ser apreciada devidamente quando forem entregues no ministério das colónias os relatórios particulares das diferentes combates e acções e dos serviços de saúde e administrativos, etc. Por agora não tenho que levantar discussões sobre assunto tão grave. Apenas direi que quem lê desapassionadamente o relatório do sr. general Gil reconhecerá que o ministro das colónias não é de forma nenhuma atingido. Pelo contrario. O sr. general Gil é o primeiro a reconhecer que, se as tropas não foram de Lisboa com a educação intensiva que o ministro da guerra, de acôrdo comigo, lhe tinha mandado dar em Mafra, é porque uma grave insubordinação, de tantas que infelizmente tem convulsionado o país, determinou a sua retirada immediata daquela vila, como, no dizer do sr. Gil, «convinha a disciplina e ao bom nome do exército.»

Mas as tropas eram boas. A pág. 60 do seu relatório, diz o sr. general Gil que, no Cabo, o almirante Tompson o felicitou pelo «magnifico aprumo e inexcusable correccão com que se apresentavam as tropas portuguesas»; e a pág. 66 que em Lourenço Marques ellas «se apresentaram sempre em público com notável correccão, compostura e acceio, o que produziu a mais agradável impressão entre os habitantes e até mesmo na colónia inglesa.»

Estas palavras são justas, porque os nossos soldados são sempre dotados de admiráveis qualidades. E se lhes faltava a instrução que, como o próprio general reconhece, se lhes não pôde dar em Mafra, bastante se lhes foi ministrando, em volta de Palma em grande numero de exercicios.

E' o sr. general quem o diz, a pág. 88 do relatório, quando nos assevera que, sob esse ponto de vista, «se tornou providencial» a demora que as tropas lá tiveram.

Muito se tem explorado por aí a noticia sem fundamento de que a expedição levava poucas munições de guerra e essas inadaptaes de armas com que as tropas iam apetrechadas. E' esta uma das vitórias mais audaciosas com que eu tenho sido arreado. O sr. general Gil diz, a pág. 87 do seu relatório, que nas experiencias feitas com metralhadoras da 2.^a bateria do 8.^o grupo, averiguou-se que as munições apesar de escolhidas e especialmente preparadas para esta arma.

não eram boas, não satisfiziam, acrescentando que os projectes se deslocavam com facilidade, dando lugar a frequentes interrupções de fogo, e alguns cartuchos, por mal calibrados, não entravam nos canos».

Eu não teria culpa destes factos, ainda mesmo que elles tivessem constituído um grave prejuizo para a expedição. Não era a mim que competia ir tratar de um expediente que meramente pertencia ás fabricas de guerra onde se fazem as munições e ás repartições que as encomendam.

De resto, houve todo o cuidado em Lisboa, ou pelo menos foi elle recomendado por quem de justiça. O próprio sr. Gil testemunha dizendo que as munições tinham sido escolhidas e especialmente preparadas para aquella arma. Mas do facto não resultou inconveniente algum, porque o sr. general Gil logo a seguir nos declara, que, reconhecendo-se aquelle defeito, immediatamente o commandante da bateria mandou proceder a nova e cuidadosa escolha das munições.

E nunca, a qualquer propósito, o sr. Gil nos aponta falta de munições ou má qualidade destas. Os motivos dos nossos revezes, foram outros que não esses.

(Conclue no próximo número).

Correio das salas

A fim de cumprimentarem o sr. ministro do Trabalho, estiveram ante-ontem em Braga os srs. dr. João Rocha dos Santos e Alvaro da Costa Guimarães, respectivamente presidente e vice-presidente da comissão administrativa da Câmara Municipal, Mário Augusto Vieira, administrador do concelho e major Alberto Cardoso de Menezes (Margaride).

Acompanhado de sua affectuosa esposa e filhinho, veio passar o Carnaval com suas eximias, o sr. dr. Francisco Xavier de Albuquerque Dias, advogado-notario em Famalicão.

S. Ex.^{ta} regressaram aquela vila no comboio da manhã de ontem.

Esteve na terça feira em Braga o sr. José Maria Gomes Alves, digno chefe da secretaria da Câmara Municipal deste concelho.

Está doente o sr. João Alves Pimenta, estimado solicitador. Desejamos e restabelecimento do nosso presado amigo.

Partiu para Braga, a fim de fazer serviço no quartel-general, o sargento reservista e nosso amigo sr. Francisco Gonçalves da Cunha, hábil amanuense da repartição dos Impostos da Câmara.

CONFERENCIAS QUARESMAIS

Começam amanhã, no templo dos Santos Passos, as conferencias quaresmais, que este ano foram confiadas ao distinto orador sagrado, rev. Silva Gonçalves.

Das conferencias na igreja de S. Francisco, nas quatro domingas da quaresma, encarregou-se o rev. abade de S. Pedro de Maximinos, Braga.

ESPECTACULO

Está anunciado para o próximo domingo, 17 do corrente, no Teatro de D. Alonso Henriques, um espectáculo promovido pelo Orfeão dos Empregados do Concelho do Porto, em beneficio dos tuberculosos da guerra.

Atento o fim altruista que os simpáticos rapazes se propõem, é de crer que os vimaranenses correspondam briosamente ao seu humanitário apelo.

Adeantamento da hora legal

A partir de 1 de Março próximo, e á semelhança dos dois penúltimos annos, os relógios serão adelantados duas horas.

UM POSTAL IMPERTINENTE

Pela posta interna chegou-nos o seguinte postal.

Meu caro amigo:—Não me mandes mais o teu jornal. Chega a ser vergonhoso que eu seja assinante dum jornal que é orgão dum partido da República. Não podes levar a mal esta minha resolução. E' questão de caracter. Diz-me dai quanto te devo do jornal.

*Teu amigo ****

As estrelinhas são nossas para não estamparmos o nome do esquivo assinante.

A este bilheteinho chamamos acima impertinente, porque se pudera o rev. autor ter limitado a dizer-nos que suspendia a sua assinatura e ficavamos entendidos. Chamar-lhe hemoa também um amigo dos diabos. Não sabemos se repararam. Caro amigo em cima, amigo em baixo. Amigo no principio, amigo no fim. Mas no meio um cozinhado de facadas muito destoante do sobriquet de amigo. Não me mandes mais o teu jornal etc. etc.

Como o rev. assinante se permitiu a liberdade de entrar em filosofias de vergonhas e não vergonhas, de orgãos e não orgãos dos partidos da República e isto num circulatório bilhete postal, ha de permitir-nos que comentemos algo o impagável texto do bilhete.

Não quer v. rev.^a que lhe mandemos mais o nosso modesto semanario? Está v. rev.^a servido. Com uma simples devolução, a tempo e horas, conseguia o mesmo e poupava os azedumes do postal.

Acha v. rev.^a vergonhoso ser assinante dum jornal republicano? Talvez esteja no seu direito, mas então para onde mandou a vergonha até á data deste bilhete?

Veja bem que não contestamos a sua arrojada tese de ser vergonhoso assinar um jornal da República. Simplesmente inquirimos onde se anichou a sua vergonha e o carmin das faces enquanto assinou durante longos mezes.

Não quer v. rev.^a que levemos a mal a sua resolução? Também está servido com toda a facilidade, porque assinar ou não assinar são sacramentos de vontade. O que nos custa ouvir é que isto de não querer mais o orgão dum partido da República seja v. rev.^a uma questão de caracter. Não podemos crer, sob pena de admitirmos que o tal caracter começou a governar em v. rev.^a a 9 do corrente, que foi quando v. rev.^a repudiou o nosso jornal, que já vinha recebendo, como orgão dum partido, ha muito tempo.

Quanto ao seu débito, providenciaremos, mas v. rev.^a possue todos os elementos para apurar quanto nos deve.

Académico premiado

Obteve o premio «Rio Branco», instituido pela colónia brasileira residente em Braga e por ella destinado ao aluno mais distinto do curso de geografia do liceu central da vizinha cidade, o nosso conterrâneo sr. João Fernandes de Freitas, actual estudante da Universidade do Porto e filho do estimado commerciante desta praça sr. José de Freitas Costa Soares.

Ao distinto académico e a seu pai enviamos sinceras felicitações.

AO PÚBLICO

JOÃO Vasco Cardoso Guimarães, proprietário da merceria de Traz de S. Paio e agente, nesta cidade, da casa de comissões e representações de José Bastos Zuzarte, de Lisboa, aceita encomendas de carimbos, facturas, cartões, etc., etc.

Modicidade de preços e rapidez na execução.

NECROLOGIA

Faleceu ontem subitamente, na estação de S. Bento, Porto, na occasião em que se apeava do comboio do Minho, o sr. José Dias Pereira, inspector reformado do caminho de ferro de Guimarães.

O desventurado, que era irmão dos srs. José Maria Dias Pereira e Manuel Dias Pereira, revisores do mesmo caminho de ferro, deixa viuva e tres filhinhos.

Sentidos pezames aos seus.

Sucumbiu inesperadamente, em Campelos, na segunda-feira última, o sr. Miguel Augusto Pinheiro, irmão dos nossos presados amigos srs. José Pinheiro, dignissimo presidente da Associação Commercial de Guimarães, e João Alberto Pinheiro, estimado sócio da importante firma commercial Nunes, Correia & C.^a, de Lisboa e sobrinho dos respeitáveis vimaranenses srs. Bernardino José Ferreira Cardoso e Torquato Ribeiro de Faria.

Contribuiu imensamente para o prematuro fim do infortunado moço, uma terrivel doença nervosa de que vinha sofrendo ha annos.

O cadaver foi ante-ontem conduzido ao cemitério municipal desta cidade, no carro funerário da V. O. T. Seráfica, puxado a duas parelhas e seguido de varios trens com pessoas das relações da estimada familia enlutada, a quem apresentamos as nossas respeitadas condolencias.

Na sua casa da rua da Republica, morreu ha dias, em idade avançada, a sr.^a D. Maria do Amaral Ferreira, sogra do saudoso clinico vimaranense sr. dr. Geraldo José Coelho Guimarães.

O funeral effectou-se ontem, na capela da V. O. T. Dominica.

As nossas condolencias á familia doida.

Hospital da Misericordia

Nota do movimento de doentes no mez de Janeiro findo:

Doentes existentes no dia 31 de Dezembro: 54 homens e 65 mulheres; total, 119.

Entrados durante o mez: 81 homens e 98 mulheres; total, 179.

Saídos curados: 55 homens e 51 mulheres; total, 106.

Saídos melhorados: 12 homens e 18 mulheres; total, 30.

Saídos no mesmo estado: 2 homens e 5 mulheres; total, 7.

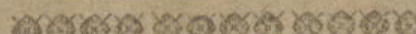
Falecidos: 4 homens e 15 mulheres; total, 19.

Existentes no fim do mez: 62 homens e 78 mulheres; total, 140.

Consultas no banco: 57 homens e 57 mulheres; total, 115.

Curativos: 466 homens e 246 mulheres; total, 712.

Medicamentos fornecidos a doentes pobres externos, grátis, 129.

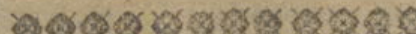


AVA ANTIGA GUARDASOLARIA CARVALHO

Executam-se todos os concertos

Ao Guardasol Elegante!

154, R. Republica, 160-Guimarães



Quarenta Horas

Com o costumado brilhantismo e grande affluencia de pessoas, teve lugar terça-feira, na igreja de S. Domingos, a solemnidade das Quarenta Horas.

Governador civil de Braga

Em substituição do sr. dr. Miguel de Abreu, que foi exonerado de governador civil de Braga, acaba de ser nomeado o sr. José Faria Dordio Teotónio.

QUINTA

Para rendimento, compra-se grande ou pequena.

Falar na Praça de S. Tiago, n.º 31, desta cidade.

COMPANHIA CONFIANÇA PORTUENSE

Sociedade Anonima de Seguros Responsabilidade Limitada

Capital social	Emitido.....	810.000\$00
	Por emitido.....	190.000\$00
	Escudos.....	1.000.000\$00

Séde: 20, rua Mousinho da Silveira, 22—PORTO

Correspondentes nas principais terras do pais

Seguros contra fogo, raio, tumultos, greves, roubos e guerra, Seguros marítimos, fluviais, agricolas e postais.

SEGUROS CONTRA MORTE E ACIDENTES DE ANIMAIS, A TAXAS REDUZIDAS

Sinistros pagos por esta Companhia:

Escudos 1.235.330\$98,2

Agente em Santa Marinha da Costa:

SILVIO PINHEIRO

RUA EGAS MONIZ, 32—GUIMARÃES.

“ATLANTICA,”

Companhia de Seguros

CAPITAL 500 CONTOS FUNDO DE RESERVA 500 CONTOS

SÉDE: PORTO—LOYON, 92

AGENCIA PORTO—INFANTE D. HENRIQUE, 55

Telegrammas—«ATLANTICA»—PORTO

Director delegado	1986
Expediente	4308
Secção marítima	2105
Secção agricola	2086
Agencia	1897

DELEGAÇÕES E AGENCIAS

Lisboa	Barcelona	Athenas	Liverpool
Londres	Vigo	Bordeus	Malta
Pariz	Genova	Havre	Funchal
Christiania	Palermo	Marselha	Ponta Delgada
Stockholmo	Petrogrado	Tunis	Ilhas de Cabo Verde
Copenhague	New York	Alger	Alexandria
Madrid	Boston	Lyon	Cairo

3.100 correspondentes no País

Seguros contra fogo, roubo, tumultos, assaltos, guerra, guerra civil, granizo, inundações

Seguros contra morte e accidentes de animaes Seguros marítimos contra todos os riscos

Commissarios de avarias em todos os portos do mundo

SEGUROS DE GUERRA

RECEITA	SINISTROS
1914.....	22.601\$41
1915.....	25.803\$15
1916.....	153.470\$99
1917 até 31 d'agosto 2.108.200\$78	1.348.523\$74

Apolices emitidas durante o corrente anno

Incendio	14.933
Marítimas	3.230
Agricolas	2.027
Gado	6.125

BANQUEIROS

J. M. Fernandes Guimarães Porto	José Augusto Dias C. ^a —Lisboa
Joaquim Pinto Leite C. ^a —Porto	London County & Westminster Bank L.d
Banco Commercial do Porto—Porto	Pinto Leite Nephws—Londres
Banco. Nac. Ultramarino—Porto	Crédit Lyonnais—Pariz
José Augusto Dias C. ^a —Porto	Revisions Bank—Copenhague

Esta COMPANHIA está em relações com Companhias Inglesas, Francezas, Italianas, Russas, Dinamarquezas, Suecas, Americanas e Hespanholas.

AGENCIA EM GUIMARÃES Passeio da Independencia, 102 a 105